

digital

SER AUTOR, SER DIFERENTE, SER TEIP

CRISTINA PALMEIRÃO · JOSÉ MATIAS ALVES

[coordenação]



PORTO



Ser Autor, Ser Diferente, Ser TEIP
CRISTINA PALMEIRÃO E JOSÉ MATIAS ALVES [COORDENAÇÃO]

© Universidade Católica Editora . Porto
Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 Porto | Portugal
+ 351 22 6196200 | uce@porto.ucp.pt
www.porto.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Coleção · e-book
Coordenação gráfica da coleção · Olinda Martins
Capa · Olinda Martins
Revisão de texto · Cristina Palmeirão

Data da edição · Novembro de 2015
Tipografia da capa · Prelo Slab / Prelo
ISBN · 978-989-8366-99-3
Depósito legal · 356140/13

<i>Introdução</i>	· 04 ·
<i>Um tempo de procura, encontro e celebração</i> José Matias Alves e Cristina Palmeirão	
1. <i>“Por que vale a pena lutar”. A observação em parceria como forma de (re)apropriação da docência</i> Alexandra Carneiro	· 12 ·
2. <i>COPA – Colaborar para aprender</i> Ilídia Cabral e José Matias Alves	· 24 ·
3. <i>Supervisão em colaboração – testemunho de uma experiência formativa</i> Eugénia Eduarda Ferreira Sousa e Silva	· 35 ·
4. <i>Supervisão pedagógica e pluridocência. Planos de ação realizados no âmbito da educação e da melhoria da escola</i> Rolando Correia Viana	· 49 ·
5. <i>Gestão escolar e sucesso educativo. A ação do diretor de turma</i> Joaquim Machado e Paulo Gil	· 61 ·
6. <i>A diferença somos nós. Relação Escola-Família-Comunidade</i> Cristina Palmeirão	· 81 ·
7. <i>Como são descritos pelos professores os alunos de hoje? Reflexões a partir de um estudo realizado em agrupamentos/escolas TEIP</i> Luísa Trigo	· 95 ·
8. <i>Prevenir para não remediar: uma intenção, uma estratégia, uma ação</i> António Oliveira, Ana Sofia Azevedo e Tânia de Consciência Barros	· 109 ·
9. <i>Consultoria, currículo e cultura escolar em contexto TEIP. Para a compreensão do pensamento e da ação dos professores</i> Fátima Braga	· 122 ·
10. <i>Diário de uma turma de 8º ano: escrita e gestão de vida do grupo</i> Manuela Gama	· 134 ·
11. <i>A Cultura que se (trans)forma</i> Cristina Bastos	· 149 ·
12. <i>A construção partilhada de um projeto educativo: caso prático</i> Carla Sofia Bernardo Costa	· 158 ·
13. <i>Como pode erguer-se uma escola no deserto?</i> Joaquim Azevedo, Avelino Cardoso, Ana Pereira e Rui Amaral	· 167 ·

COMO PODE ERGUER-SE UMA ESCOLA NO DESERTO?

Joaquim Azevedo, Avelino Cardoso, Ana Pereira, Rui Amaral ¹

Resumo

Este texto analisa a evolução verificada na Escola Secundária de Cinfães, no ano letivo de 2014/15, no quadro da consultoria TEIP², a cargo da Universidade Católica Portuguesa/Porto. Contém a reflexão do consultor e ainda um depoimento da direção da própria Escola. Nele se procura refletir sobre os modos como uma escola, situada na área de Portugal onde se verificam as maiores resistências à escolarização, “luta” para procurar ultrapassar quer algumas das debilidades do contexto quer do seu próprio modelo instituído de atuação como instituição pública de ensino secundário.

Palavras chave: Território prioritário, escolarização, consultoria

Abstrat: This paper analyzes the improvement observable in the Secondary School of Cinfães in the year 2014/15, in relation with the support of provided by the consultantship of the Catholic University of Portugal / Porto.

It includes the UCP’s consultant reflection as well as the schoolboard statement. In this paper the authors intend: - to reflect upon the modes by which a particular school, located at one area of Portugal where there is a great resistance to schooling; how the school has report tried so overcome some of the weaknesses of the context as well as of this own operating models as a public secondary school.

Key words: Priority territory, schooling, consultantship

¹ Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano (CEDH) Centro de Estudos para o Desenvolvimento Humano (CEDH), Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal, Autor de correspondência (jazevedo@porto.ucp.pt) e Consultor-TEIP, Perito Externo desta Escola; Avelino Cardoso, Ana Pereira e Rui Amaral, professores da Escola Secundária de Cinfães, membros da Direção. Estes docentes realizaram a recolha dos dados estatísticos relativos ao aproveitamento dos alunos.

² TEIP- Territórios Educativos de Intervenção Prioritária.

1. A consultoria TEIP

Esta consultoria TEIP foi desenvolvida pela primeira vez, neste ano letivo de 2014/15, por este consultor TEIP, na Escola Secundária de Cinfães (ESC) e segue-se a outras já asseguradas por outros colegas da UCP (esta escola é considerada TEIP desde 2009/10). Esta reflexão constitui, pois, uma humilde participação num trabalho lento e difícil, de permanente reflexão e de ação, que tem implicado toda a Escola e que está a dar os seus frutos, pouco a pouco, como é timbre das mudanças sustentáveis.

2. O contexto social e os seus custos

Importa clarificar alguns breves dados de contexto, pois são suficientemente significativos e clarificadores. Cinfães, na margem esquerda do Douro, é um concelho pobre (um dos quatro que apresenta menor poder de compra por habitante, segundo a Pordata), que não dispõe de uma oferta cultural regular (não tem, por exemplo, qualquer sala de cinema).

A Escola acolheu, neste ano letivo, 635 alunos distribuídos deste modo: 4 turmas do 3º ciclo, 14 turmas dos Cursos do Secundário Geral, 1 turma de um Curso Vocacional e 10 turmas dos Cursos Profissionais. A oferta de cursos profissionais tem vindo a aumentar. Destes alunos, 444 (70%) são abrangidos pela Ação Social Escolar, 46% dos quais no Escalão A, o que concede apoio as famílias mais carenciadas. A Escola conta com 78 docentes (rácio de 8,1 alunos por docente) e com 30 assistentes operacionais, 8 assistentes técnicos e 1 coordenadora técnica (rácio de 16,2 alunos por funcionário).

O concelho de Cinfães inscreve-se numa subregião (NUTIII) a que se chama Tâmega e que compreende 11 concelhos (Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Celorico de Basto, Paços de Ferreira, Penafiel e Resende). Mais especificamente podemos dizer que Cinfães, dada a extensão da subregião, se encontra no Baixo Tâmega. A subregião do Tâmega é das poucas do país (a única do Norte) que não dispõe de um único centro urbano atrator, capaz de provocar alguma dinâmica social mais sustentada de desenvolvimento socioeconómico.

Esta subregião é a que apresenta, desde há várias décadas, os mais baixos índices de escolarização e de desempenho escolar (Cfr. por exemplo os estudos da CCDRN sobre

as disparidades na educação na Região do Norte, o último dos quais serve de referência aos dados que apresentamos de seguida)³. Esta realidade continua, mesmo tendo sido registados progressos enormes, nos últimos vinte anos (1991-2011).

As taxas de escolarização da população residente, segundo grupos etários, nos anos de 1991, 2001 e 2011, evidenciam (i) a recuperação excecional feita nestes vinte anos na subregião do Tâmega, tanto na educação pré-escolar (de 27% para 79%), como no grupo etário 15-17 anos (de 31% para 90%), como no grupo etário 18-23 anos (de 12% para 40%), como a persistência de um atraso enorme que continua a deixar Cinfães como um dos concelhos do Continente e do país com pior desempenho escolar (Tabela 1).

Tabela 1 - Taxa de escolarização da população residente, segundo o grupo etário em 1991, 2001 e 2011

	Pré-escolar			15-17 anos			18-23 anos		
	1991	2001	2011	1991	2001	2011	1991	2001	2011
Tâmega	27,0	43,1	79,0	31,0	60,5	90,0	12,1	23,9	40,4
Norte	38,7	53,8	86,3	48,8	74,4	92,7	23,5	38,6	49,9
Continente	46,0	58,4	87,3	62,5	81,0	93,2	31,2	44,3	52,9

Fonte: Azevedo, J., CCDRN

O mesmo se diga das taxas reais de escolarização, segundo o nível de ensino (Tabela 2), que passaram de 11% para 59%, no ensino secundário, de 3% para 21% no ensino superior. Apesar das notabilíssimas recuperações, os valores ainda continuam a ser os mais baixos do país.

Tabela 2 - Taxa real de escolarização, segundo o nível de ensino em 1991, 2001 e 2011

	Secundário			Superior		
	1991	2001	2011	1991	2001	2011
Tâmega	11,2	35,0	59,3	3,2	12,3	20,6
Norte	20,2	47,5	63,5	8,3	22,4	28,0
Continente	27,2	53,0	61,7	11,2	25,6	29,0

Fonte: Azevedo (2013) - CCDRN

O mesmo se pode ainda verificar na análise da população residente no concelho de Cinfães, como 25 ou mais anos de idade, que completou pelo menos o 9º ano e o ensino secundário, comparando agora apenas os anos 2001-2011: no primeiro caso, passa-se de

³ Azevedo, José Maria (2013). Escolarização na Região do Norte: evolução das disparidades territoriais 1991-2011. Porto: CCDRN.

13% para 29%, no segundo, passa-se de 8% para 15%. Este último valor, apesar da quase duplicação numa década, é o mais baixo da Região do Norte e a subregião do Norte mais próxima, o Ave, apresenta já 20% (Tabela 3)

Tabela 3 - População residente com 25 e mais anos, segundo o nível de ensino completo em 2001 e 2011

	9.º ano		Secundário	
	2001	2011	2001	2011
Tâmega	13,1	28,6	7,7	15,4
Norte	25,8	39,4	16,5	25,0
Continente	31,8	45,3	20,4	29,6

Fonte: Azevedo (2013) - CCDRN

Estes valores quantitativos relativos à escolarização são muito “arrasadores” para quem tanto procura “erguer-se” pela via educação e da cultura, por entre tantos atrasos estruturais e diante de custos contextuais tão pesados. Ao mesmo tempo, constituem uma importante fonte de esperança: é possível fazer mais e melhor, assim o queiramos construir em conjunto, escola e comunidade.

A ESC realizou uma análise (análise SWOT) da sua situação no seu contexto e identificou como elementos caracterizadores da vida interna os seguintes pontos fortes: a sua dinâmica de “encontros pedagógicos”, o seu Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, a diversificação da sua oferta formativa e as ações de apoio às aprendizagens. Como pontos fracos, assinalou: a reduzida autonomia-motivação-iniciativa dos seus alunos, os comportamentos perturbadores na sala de aula, os elevados valores de diferença entre a CIF e a CE. No que se refere à envolvente externa, identifica os seguintes constrangimentos: a ausência da figura paternal, sobretudo por força das migrações, as carências socioculturais, a fraca rede de transportes escolares, as débeis expectativas dos alunos quanto ao futuro escolar e a instabilidade do corpo docente. E assinala as seguintes oportunidades: o acréscimo de recursos recebido, as parcerias que a escola estabeleceu e o perito externo.

Aqui chegados, ficamos já com uma breve caracterização sociocultural do contexto. Agora vamos verificar os processos escolares e educativos e os seus principais resultados.

3. Os processos

A ESC acolhe todos os adolescentes e jovens que prosseguem os seus estudos após o 9º ano. Ao enfatizar *todos* queremos significar a grande preocupação que existe nesta comunidade educativa em torno da salvaguarda de um compromisso com uma escola hospitaleira, democrática e capaz de ajudar cada uma e cada um a edificar, durante pelo menos estes três anos de ensino secundário, um projeto para a sua vida, para uma vida digna.

Não é fácil realizá-lo, como bem o sabemos e a literatura sobre a administração escolar em Portugal confirma, quando a instituição escolar ESC (como todas as outras) é muito condicionada na sua capacidade de se moldar a este contexto específico e às potencialidades/necessidades destes alunos. A uniformização e o controlo burocrático têm sido a regra no modelo de administração escolar que o país tem seguido. A falta de liberdade de ação (e logo da sua correlativa ausência de responsabilidade) tem induzido práticas pedagógicas muito rotineiras e, se lhe aduzirmos o efeito dos exames e do ensino exclusivamente conduzido pela performance em exames externos nacionais, induz também uma escola mais seletiva do que promotora do desenvolvimento e da autonomia de todos e de cada um dos seus alunos.

Bastaria isto para explicar porque é que o “perfil próprio” da ESC não é fácil nem de alcançar, nem de nele a Escola persistir, ao longo de anos, mas acrescem ainda os fatores já elencados da rotação do corpo docente e da realidade sociocultural do concelho, que é muito pobre em expectativas de mobilidade social, de emprego e em dinâmicas públicas de aprendizagem cultural. Com o aumento da obrigatoriedade de permanência na escola para além do 9º ano, até ao 12º, assiste-se ao aumento da desmotivação dos novos “obrigados a ficar na escola”, o que se traduz, entre outras coisas, num aumento da instabilidade de comportamentos em sala de aula, tornando mais difícil para todos o trabalho escolar.

Consciente destes factos, a ESC não cruza os braços e existe um grande esforço para melhorar os processos educativos, tendo em vista a melhoria global dos resultados. Há metas de melhoria, constantes de um Plano Plurianual de Melhoria 2015-2018 (obrigatório nas escolas TEIP) e existe uma mobilização global da Escola, que o perito externo testemunha e apoia.

Em particular, a ESC tem vindo a promover uma série de dinamismos educativos tendentes a colmatar algumas das suas debilidades, sobretudo aquelas que podem ser equacionadas no contexto escolar específico, ainda que contando com a cooperação de entidades externas.

De entre esses dinamismos, destacam-se alguns que a direção da Escola sublinha (muito focados no apoio às aprendizagens escolares):

- o trabalho com os alunos através de um maior acompanhamento individualizado, motivando-os para a aprendizagem e ajudando-os a orientar o seu percurso vocacional. Esta orientação é para nós pedra angular, pois só com objetivos bem definidos é que os alunos podem traçar objetivamente as suas metas, o seu futuro desejado;
- a dinamização da ação *Procura-nos*, onde os alunos, de uma forma voluntária, agendam o seu estudo com o auxílio de professores das várias disciplinas que compõem os *curricula*.
- os *Encontros Pedagógicos* que levaram a uma maior partilha entre os docentes e a um trabalho mais colaborativo;
- a implementação de ações motivadoras de *diferenciação pedagógica – Turma Gira, Turma Mais e Grupos Homogéneos, Oficina dos números*; Ex: a realização de turmas de homogeneidade relativa, no ensino secundário, cursos CH, e de uma “turma mais”, homogénea, por cada duas turmas, tendo em vista a recuperação (durante um período letivo), no 11º e no 12º anos;
- dinamização de clubes para os alunos ocuparem os seus tempos livres na escola;
- a consolidação de equipas pedagógicas e/ou grupos de trabalho mais estáveis, ao longo dos anos;
- a diversificação da oferta educativa, ganhando relevo a oferta dos cursos profissionais;
- realização de tutorias, com planos personalizados, para apoiar alunos particularmente carentes de orientação e com “problemas de comportamento” no espaço escolar;
- a aposta forte nas aulas de preparação para exame, nas disciplinas alvo de avaliação externa;

- realização do “almoço-turma”, organizado pelos alunos, no sentido de captar os pais e criar um ambiente de estímulo para todos os educadores destes jovens, pais e professores; apoio de um grupo de docentes, com psicólogo, à formação dos pais dos alunos em questões educacionais, tendo em vista melhorar o envolvimento parental.

Este trabalho desenvolve-se com um crescente empenho dos professores. Nada se consegue de relevante sem esta abertura profissional à reflexão sobre os problemas que surgem na escola, sem a sua discussão, sem a sua consideração sob variadas perspetivas, mormente os objetivos e metas em que a Escola se comprometeu, sem projetos comuns de trabalho que, por sua vez, voltam a ser refletidos no decurso e após a sua execução, para de novo se melhorar o caminho traçado.

O caminho é lento, requer muita atenção e sobretudo foco. A escola pode fazer menos coisas, mas pode fazer melhor, se apostar em fazer em cada ano o que é necessário, sequencialmente, sem andarmos, em círculo, a saltar de atividade em atividade. A política educativa desfoca muitas vezes a escola deste núcleo central de atividades, mas é preciso desenvolver equipas docentes que se mantenham focadas no essencial das dinâmicas pedagógicas, não as fazendo repousar sobretudo ou exclusivamente na direção da escola.

Existe uma Equipa de Autoavaliação da Escola que dinamiza estes processos de reflexão-ação-reflexão-melhoria, o que constitui uma importante mais-valia para a aprendizagem permanente acerca dos melhores caminhos a seguir.

Como o perito externo comunicou a todos os docentes numa carta escrita em julho de 2015, no termo do primeiro ano de acompanhamento da ESC:

“O processo de ensino e aprendizagem é o grande esquecido das políticas públicas dos últimos quarenta anos (outro será o 1º ciclo), talvez porque acreditássemos que essa parte correria sempre bem, independentemente do resto. Mas não corre e quando esta parte não corre bem, tudo corre mal. (...)

Tem de haver mais profissionalismo no ensino (ou seja, mais escola e mais professores competentes) e muito menos política espetacular, tão mal esta tem sido conduzida. As equipas ministeriais e a máquina administrativa centralista, burocrática e uniformizante têm feito a política pública da educação girar sobre si mesma, sobre as figuras dos ministros, que até procuram moldar as escolas às suas opiniões pessoais, e isso só pode

dar mau resultado. De facto, o essencial passa-se nas escolas e o que se passa nas escolas, nas salas de aula e nos processos de ensino e aprendizagem e na organização do trabalho escolar tem sido ignorado. É indiferente. O drama está aqui. É aí que tem de ser diferente! Não há humildade, nem pequenez, essa atitude que permitiu Zaquieu subir à árvore e ver Jesus e este ter ido para sua casa comer, há arrogância, prepotência; na 5 de outubro sabem sempre tudo, a toda a hora e sabem sempre o que é melhor para cada escola e para cada sala de aula. É uma arrogância sem limites, é a expressão de uma forma de fazer política que só nos empobrece e cansa, quase até à náusea.(...)

Hoje, é isso que a vossa escola está a fazer: a olhar para os processos e para os resultados (os lorpas olham apenas para os resultados); a discutir passo a passo porque é que as coisas acontecem como acontecem e o que funciona bem e menos bem com os alunos que estão em Cinfães, hoje; a discernir o que será mais importante fazer amanhã. Isto é o que importa fazer!

Admiro a vossa abertura a fazer diferente e melhor. Sei que não estão todos com a mesma atitude e disposição, mas essa era a parte mais previsível. Admiro o vosso trabalho em equipa e a vossa dinâmica dos “encontros pedagógicos”. Admiro essa vossa aposta no ensino profissional, mas apenas no que isso tem de orientação pela positiva e não como o lugar “escuro” da escola para onde vai quem não aprende como (se proclama que) devia aprender. Admiro a vossa resiliência diante dessa loucura que consiste em mudarem os cursos quase todos os anos, só porque alguém de fora e de longe vem dizer que agora o que está a dar é agricultura e depois é empregado de mesa-bar e depois é, afinal, desporto, quando é óbvio que deviam estar preparados com instalações “multifunções” para as áreas da mecânica/electrónica/eletricidade...além do que já fazem. Admiro a vossa resistência à mudança anual de normas e orientações e a vossa paciência para voltar a ler tudo e a fazer como mandam, sob pena de...Eu não seria capaz! (...)

Por isso é como muito entusiasmo que estou a acompanhar os vossos esforços de renovação e é com serena alegria que partilho as melhorias dos resultados dos vossos alunos nos exames, pois admiro muito mais a vossa atenção à melhoria dos processos. (...)

Os professores da ESC que escrevem o seu depoimento para esta reflexão, referem:

“Na educação, nada se transforma de um dia para o outro e certos de tal realidade temos, nos últimos anos, procurado vários percursos na tentativa de encontrarmos o caminho certo para o tão almejado sucesso. Assim, nesta procura temos vindo a burilar cada vez mais estes caminhos e a limar arestas no processo de procura e realização dos mesmos.

Consideramos basilar para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, a reflexão das nossas práticas, dos nossos objetivos, dos nossos processos, das nossas ações, das nossas metas...de tudo o que por nós é implementado. Cruciais pensamos terem sido igualmente as várias comunicações dirigidas aos docentes, alunos e pais/encarregados de educação num incentivo constante à melhoria, num alerta incansável na melhoria dos processos no sentido de melhorar as aprendizagens dos alunos, num clima de trabalho exigente, rigoroso e dedicado.”

Esta atenção aos processos tem vindo a conduzir a uma melhoria gradual de resultados. É o que veremos de seguida dando a palavra à direção da ESC.

4. Os resultados melhoram

Independentemente do prisma pelo qual sejam analisados, os resultados da avaliação externa do presente ano letivo evidenciam uma melhoria significativa do desempenho médio dos alunos. Em todos os exames realizados em que existem dados comparativos com os 5 anos anteriores é possível verificar que todas as disciplinas obtiveram um resultado médio superior à média dos 5 anos anteriores (gráficos 4 e 14).

Na mesma linha de análise, constata-se que também a taxa de sucesso em exame supera a média dos 5 anos anteriores em todas as disciplinas (gráficos 5 e 15).

Se compararmos estes resultados com as médias nacionais, podemos afirmar que, em 11 exames realizados (9.º ano e secundário), 5 disciplinas superaram a média nacional (Matemática do 9.º ano, Biologia e Geologia, Física e Química A, Geografia A e Espanhol) (gráficos 3 e 16), 4 obtiveram a menor diferença dos últimos 6 anos para a média nacional (Português 9.º ano, Português, Filosofia e História A) (gráficos 2, 18, 20 e 23), uma obteve a segunda menor diferença em relação à média nacional dos últimos 6 anos (Matemática A) (gráfico 19); uma não possui dados de anos anteriores para comparação (Francês).

Analisando os resultados do presente ano letivo do ponto de vista da diferença entre a classificação interna final (CIF) e a classificação de exame (CE), verificámos que Português do 9.º ano, Matemática A, Filosofia e Física e Química A apresentam a menor diferença entre a CIF e a CE dos últimos 6 anos (gráfico 8 e tabela 4).

Centrando agora a nossa análise na avaliação interna do 3.º ciclo do ensino básico, devem-se destacar os seguintes factos relativamente às disciplinas de Português e Matemática: (1) no 7.º ano, ambas as disciplinas obtiveram um resultado abaixo da média dos últimos 5 anos em termos de média e taxa de sucesso; (2) no 8.º e 9.º anos as duas disciplinas obtiveram uma média e uma taxa de sucesso superiores à média dos 5 anos anteriores.

Também na avaliação interna, mas agora ao nível do ensino secundário, salientam-se os seguintes aspetos relativamente às disciplinas com avaliação externa: (1) no 10.º ano, Português, Matemática A, História A, Biologia e Geologia, Geografia A e Filosofia obtiveram uma média de resultados superior à média dos 5 anos anteriores e ao nível da

taxa de sucesso, as disciplinas de Português, Matemática A, História A, Geografia A e Espanhol superaram a média dos 5 anos anteriores; (2) no 11.º ano, tendo em conta as 5 disciplinas bienais com dados comparativos de anos anteriores, verificou-se que Física e Química A e Espanhol superaram a média dos últimos 5 anos; por outro lado, Biologia e Geologia, Geografia A e Filosofia ficaram abaixo desta média; deve-se ainda destacar que as 6 disciplinas sujeitas a exame nacional obtiveram uma taxa de sucesso interna de 100%; (3) no 12.º ano, as 3 disciplinas trienais obtiveram uma média superior à média dos últimos 5 anos, tendo Português e Matemática A superado, em termos de taxa de sucesso, a média dos 5 anos anteriores.

9.º ano – Português e Matemática

Tabela 4 - 9º ano: Quadro comparativo da média da Escola com a média nacional (pontuação de 0 a 100).

Disciplinas	2009-2010		2010-2011		2011-2012		2012-2013		2013-2014		2014-2015	
	Escola	Nacional										
Português	51	57	43	51	48	54	39	49	54	56	57	58
	- 6		- 8		- 6		- 10		- 2		- 1	
Matemática	37	51	42	44	50	54	38	44	51	53	49	48
	- 14		- 2		- 4		- 6		- 2		+ 1	

Gráfico 1. 9º ano, comparação dos resultados médios em 2014-2015 com os anos anteriores (pontuação de 0 a 100 pontos).

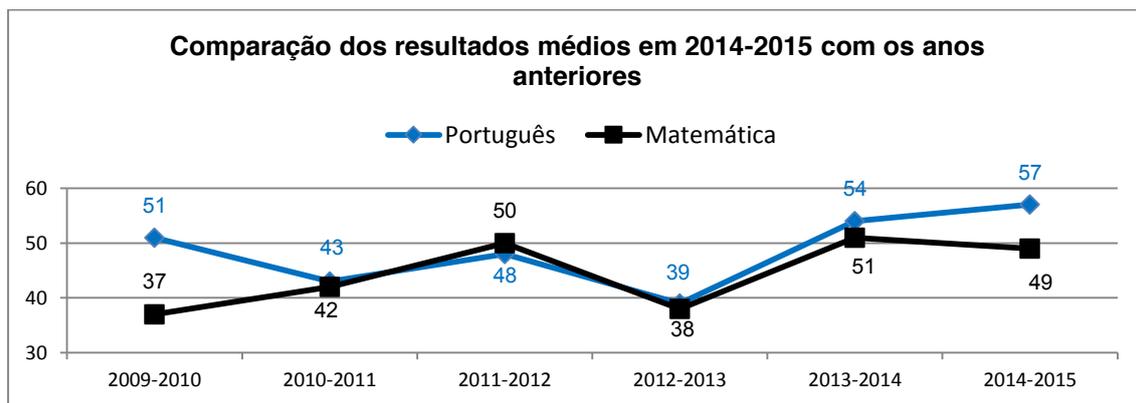


Gráfico 2. 9º ano, comparação dos resultados médios da Escola a Português com os nacionais (pontuação de 0 a 100).

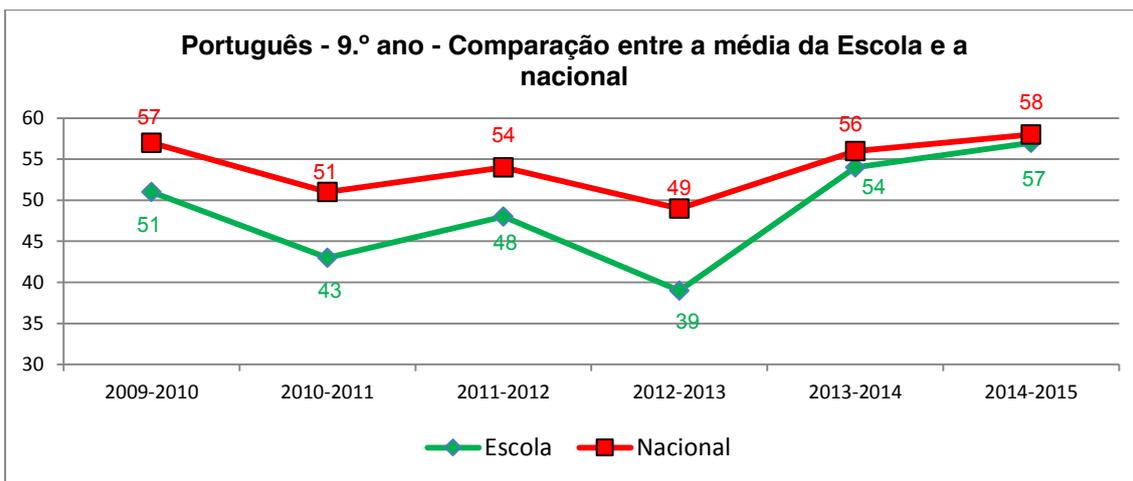


Gráfico 3. 9º ano, comparação dos resultados médios da Escola a Matemática com os nacionais (pontuação de 0 a 100).

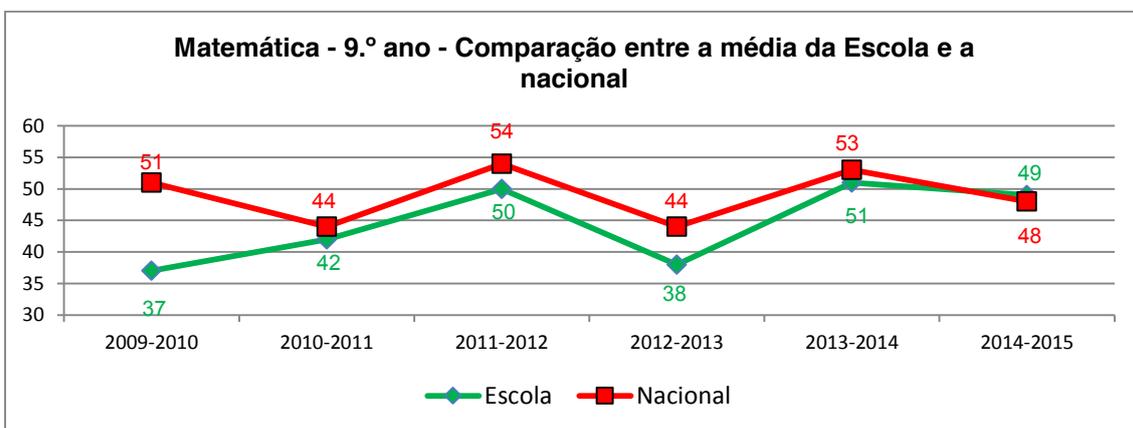


Gráfico 4. 9º ano, comparação dos resultados médios da Escola em 2014-2015 com os 5 anos anteriores (pontuação de 0 a 100 pontos).

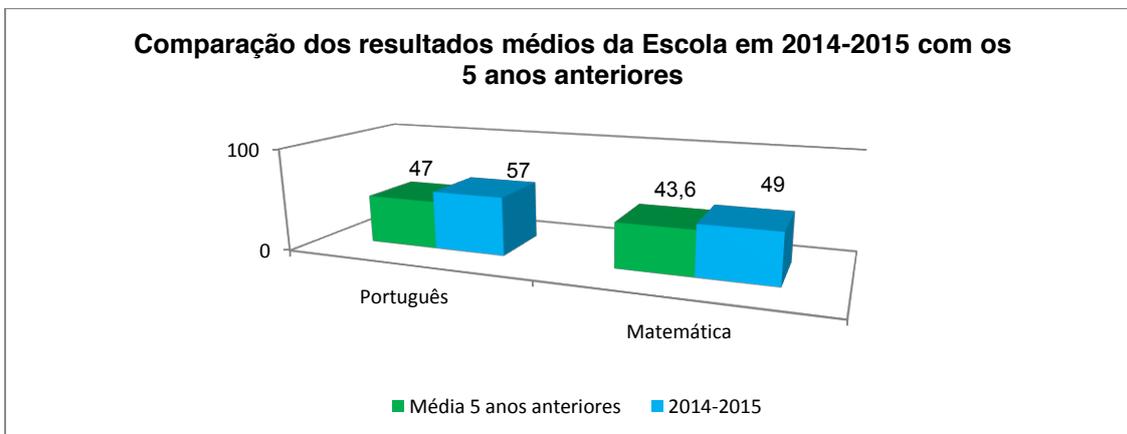


Gráfico 5. 9º ano, comparação das taxas de sucesso em 2014-2015 com os 5 anos anteriores.

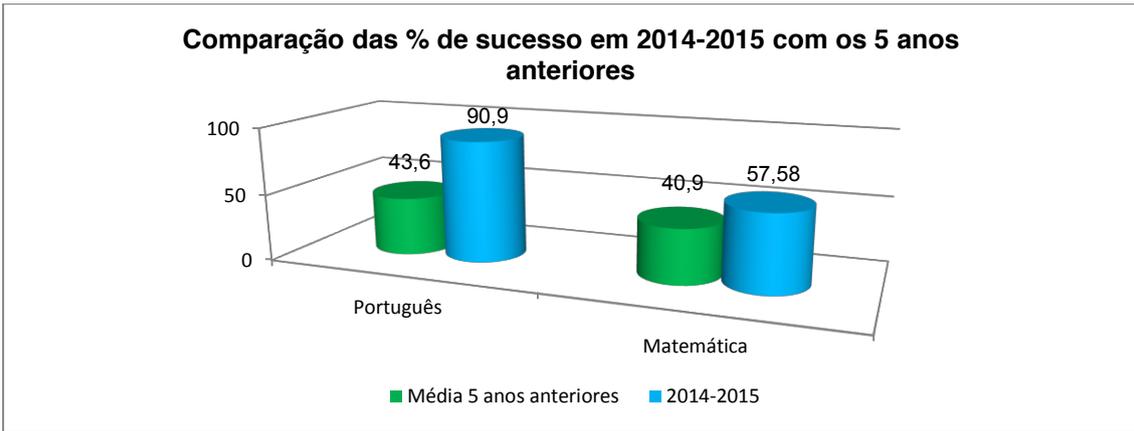


Gráfico 6. 9.º ano, comparação entre a taxa de sucesso da Escola a Português e a nacional.

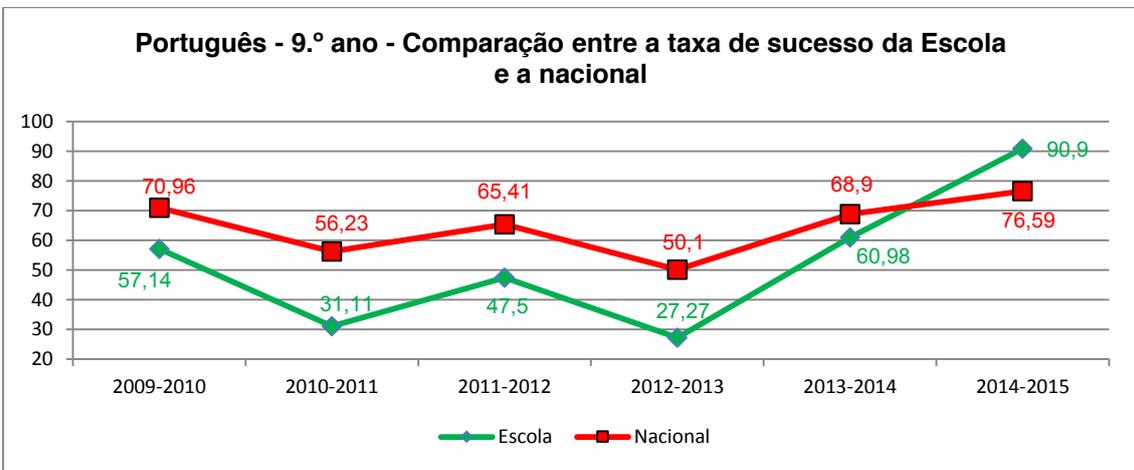


Gráfico 7. 9.º ano, comparação entre a taxa de sucesso da Escola a Matemática e a nacional.

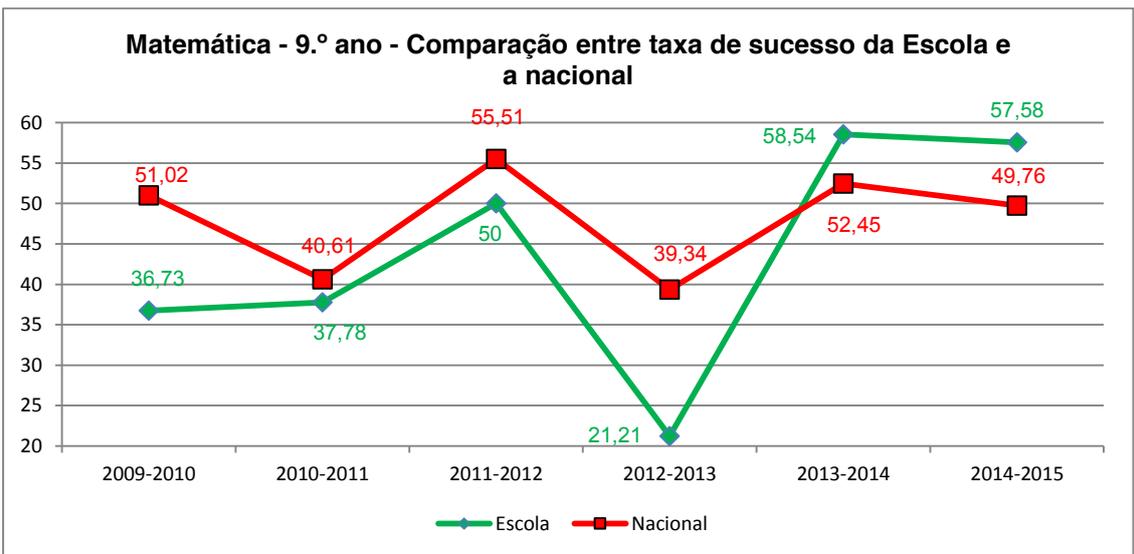


Tabela 5 - 9º ano, quadro comparativo da classificação de frequência com a classificação da prova.

Disciplinas	2009-2010		2010-2011		2011-2012		2012-2013		2013-2014		2014-2015	
	CF	CP										
Português	2,83	2,73	3,04	2,40	3,05	2,58	2,90	2,33	3,34	2,90	3,12	3,03
	+ 0,10		+ 0,64		+ 0,47		+ 0,57		+ 0,44		+ 0,09	
Matemática	2,87	2,28	2,80	2,38	2,84	2,73	2,85	2,15	2,76	2,78	3,21	2,76
	+ 0,59		+ 0,42		+ 0,11		+ 0,70		- 0,02		+ 0,45	

Gráfico 8. 9º ano, comparação entre a classificação de frequência e a classificação da prova final de Português.

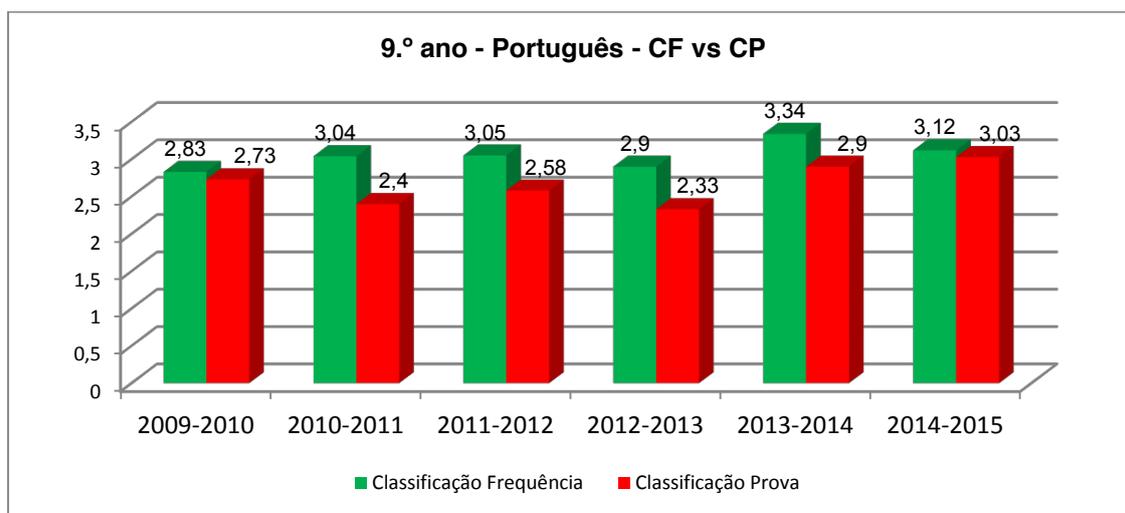
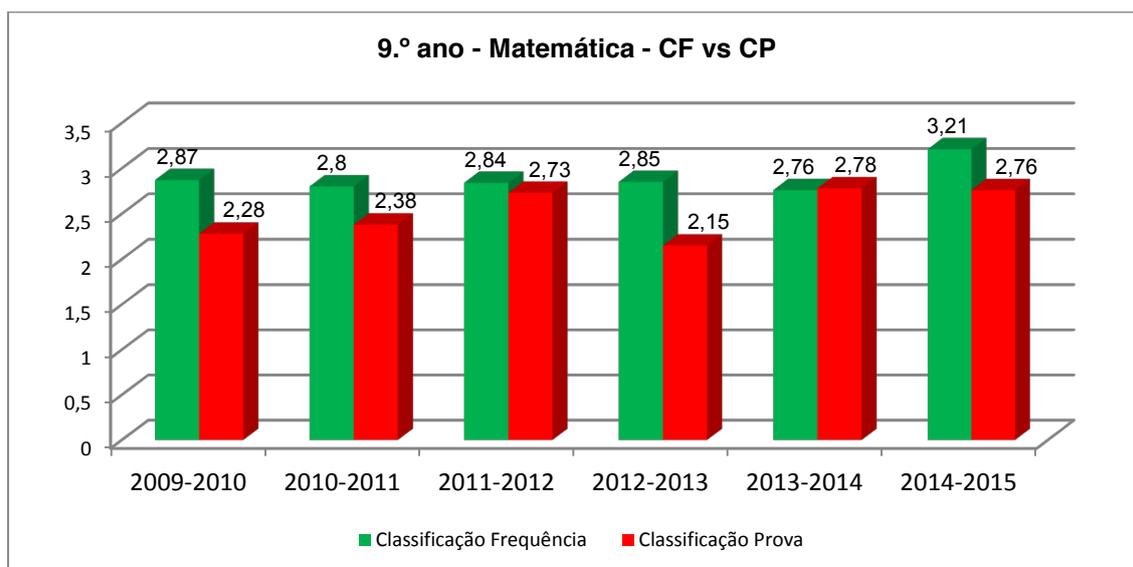


Gráfico 9. 9º ano, comparação entre a classificação de frequência e a classificação da prova final de Matemática.



Ensino Secundário – Português, Matemática A, História A, Filosofia, Física e Química A, Biologia e Geologia, Espanhol, Geografia A e Francês

Tabela 6. Resultados obtidos nos Exames nacionais do Ensino Secundário no presente ano letivo e nos 5 anteriores em termos de média da classificação e taxa de sucesso.

Disciplina	2009-2010		2010-2011		2011-2012		2012-2013		2013-2014		2014-2015	
	X	%	X	%	X	%	X	%	X	%	X	%
Português	10,0	53,33	7,77	36,00	8,94	44,55	8,29	32,94	10,1	59,76	10,1	59,30
Matemática	9,2	40	7,1	27,08	9,61	48,28	6,25	16,22	6,2	21,74	10,5	57,14
História	10,2	50	7,9	42,11	10,6	55,56	8,4	32,26	5	13,39	9,9	55,26
Bio. e Geo.	9,4	50,91	9,6	52,63	8,1	23,26	7,5	24	8,9	41,18	9,0	45,16
Geografia	12,3	90,48	11	71,88	11,2	75,61	9	42,42	9,8	58,7	12,0	90,11
Filosofia	-	-	-	-	5,6	10	3	0	7,5	32,35	9,9	50,0
Fís. e Quí	6,5	18,06	9,1	38,3	5,6	12,12	7,1	25	7,5	27,59	10,2	55
Espanhol	13,05	90	11,9	72	11,43	73,17	7,68	28	-	-	12,9	87,5
Francês	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10,4	50

Gráfico 10. Secundário, comparação dos resultados médios em 2014-2015 com os dos anos anteriores (Português, Matemática A e História A).

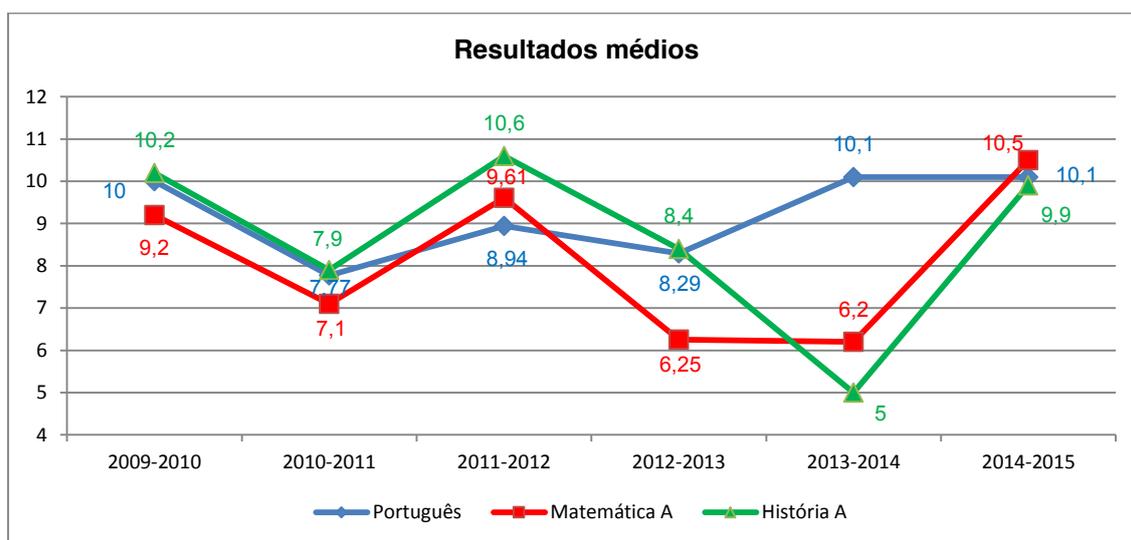


Gráfico 11. Secundário, comparação dos resultados médios em 2014-2015 com os dos anos anteriores (Biologia e Geologia, Geografia A, Filosofia, Física e Química A e Espanhol).

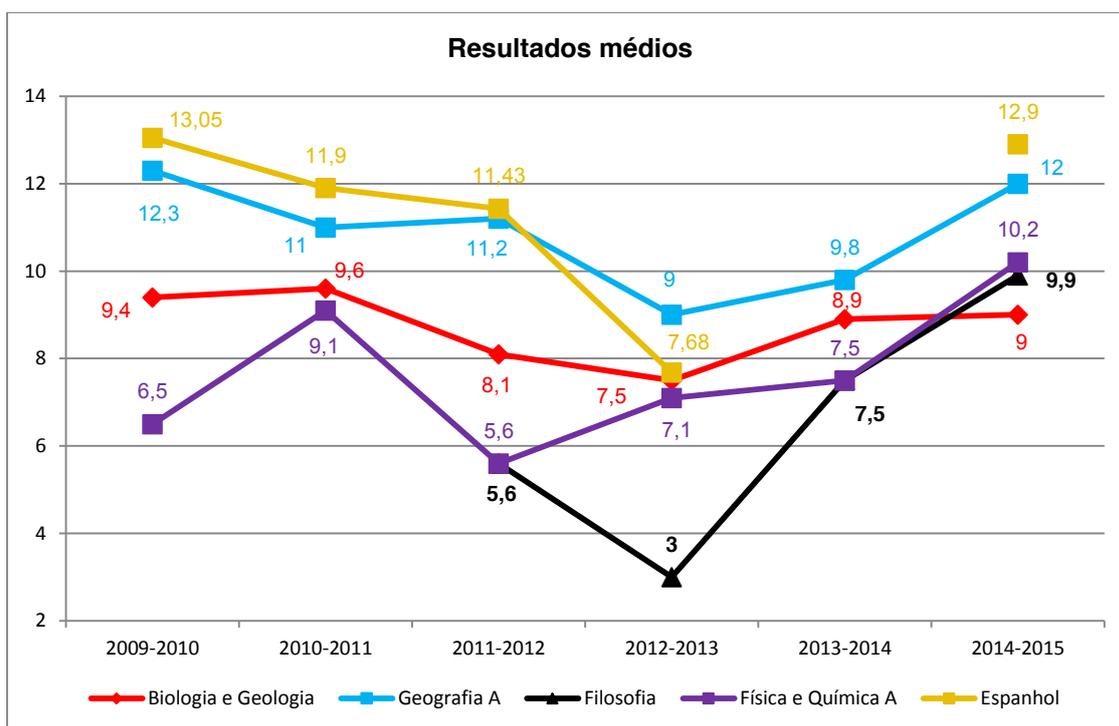


Gráfico 12. Secundário, comparação das taxas de sucesso em 2014-2015 com as dos anos anteriores (Português, Matemática A e História A).

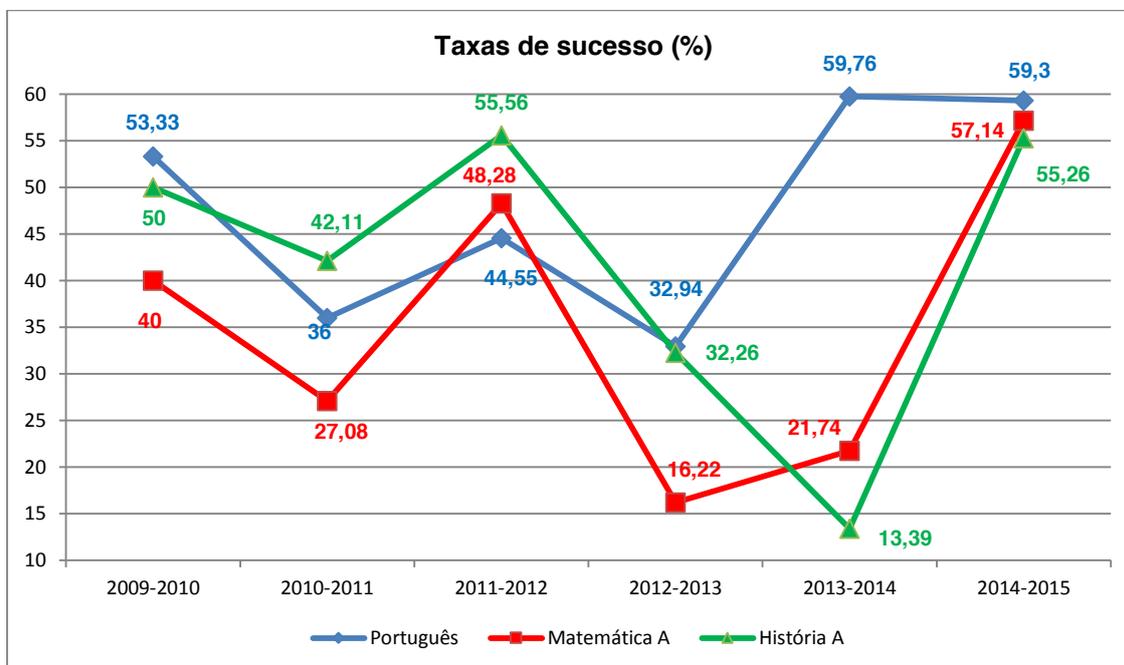


Gráfico 13. Secundário, comparação das taxas de sucesso em 2014-2015 com as dos anos anteriores (Biologia e Geologia, Geografia A, Filosofia, Física e Química A e Espanhol).

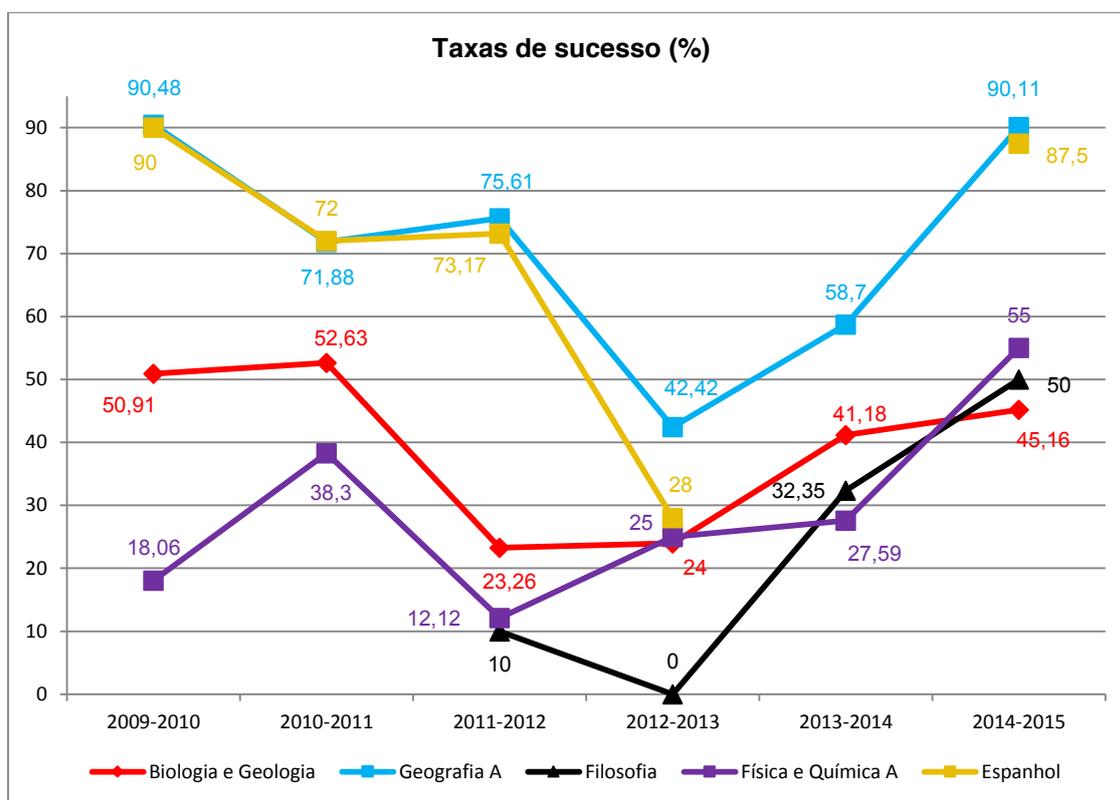


Gráfico 14. Secundário, comparação entre a média externa em 2014-2015 com a média de resultados dos 5 anos anteriores.

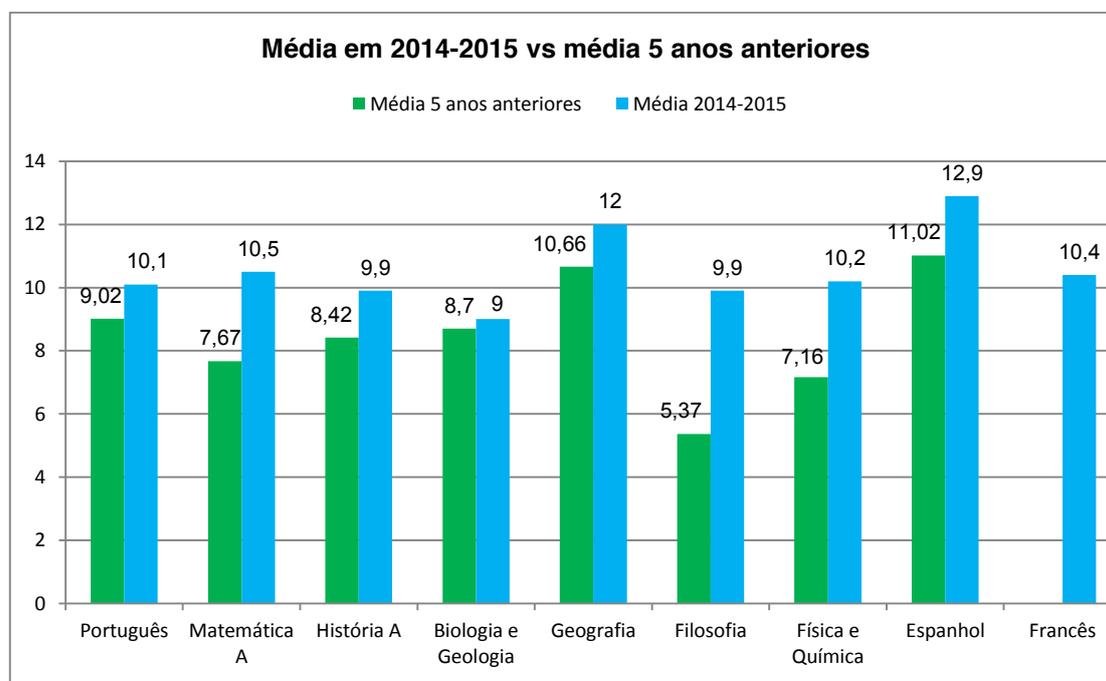


Gráfico 15. Secundário, comparação entre a taxa de sucesso externa em 2014-2015 e a taxa de sucesso média dos 5 anos anteriores.

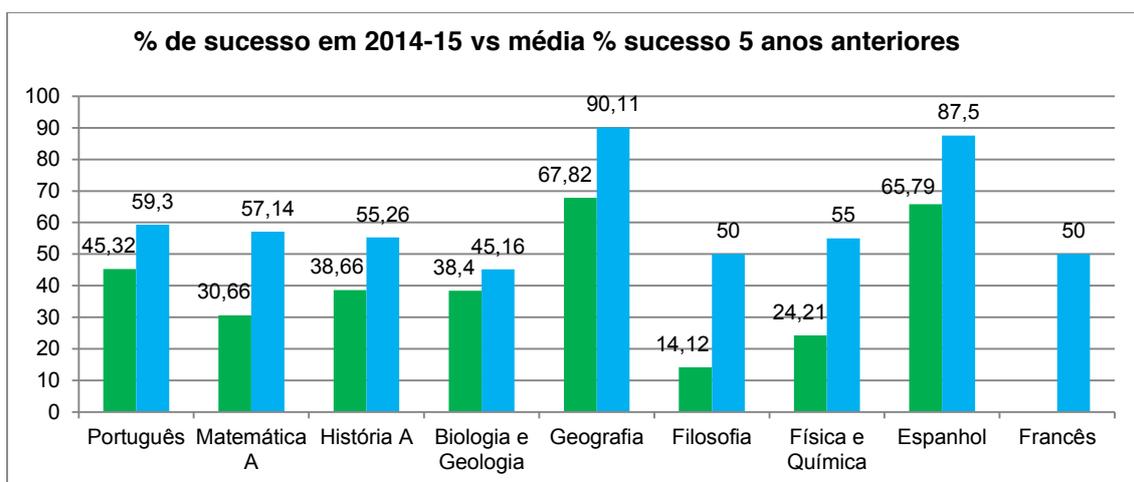


Gráfico 16. Secundário, comparação entre a média da Escola e a nacional em 2014-2015.

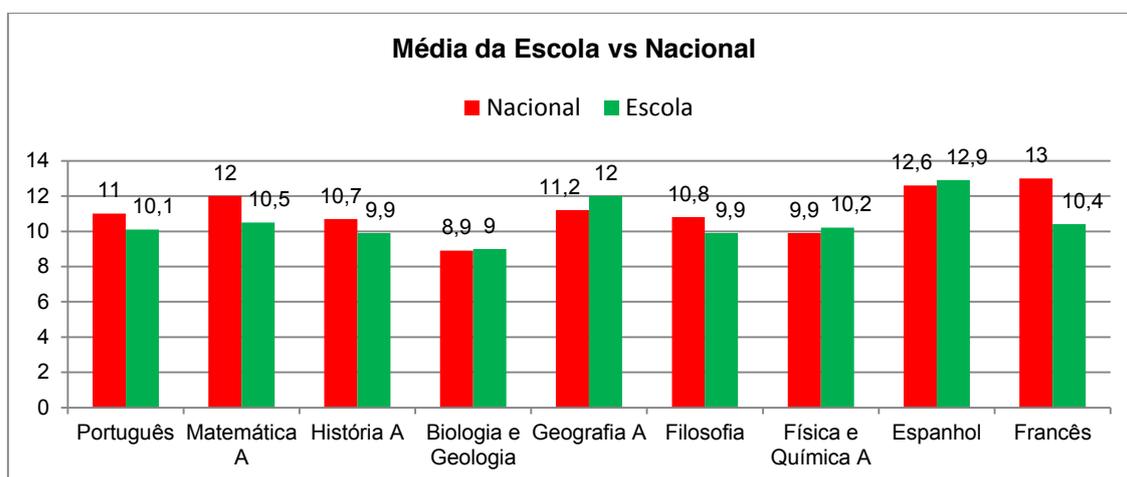


Gráfico 17. Secundário, diferença entre a classificação interna final (CIF) e a classificação de exame (CE) em 2014-2015 (Escola e nacional).

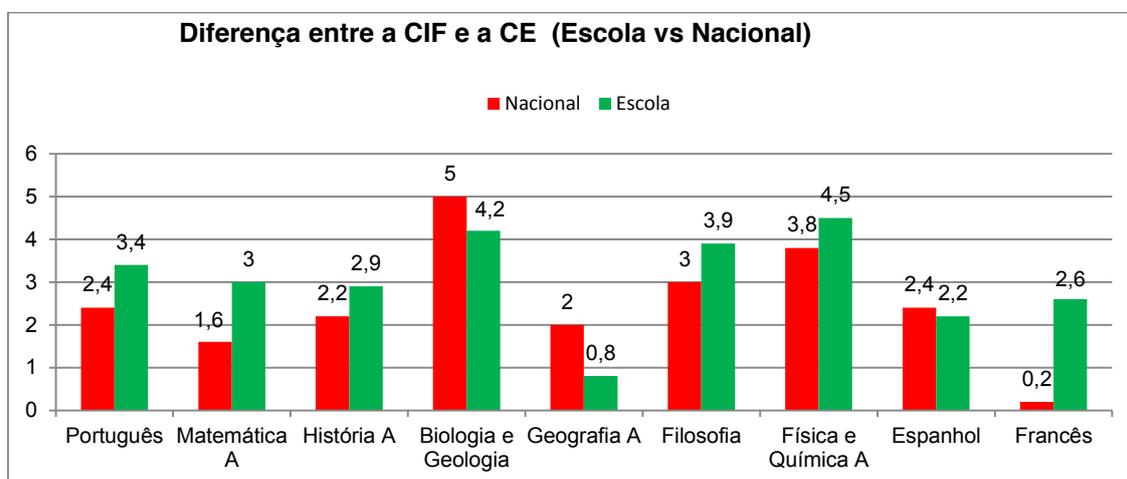


Gráfico 18. Secundário, comparação das médias da Escola com as nacionais na disciplina de Português.

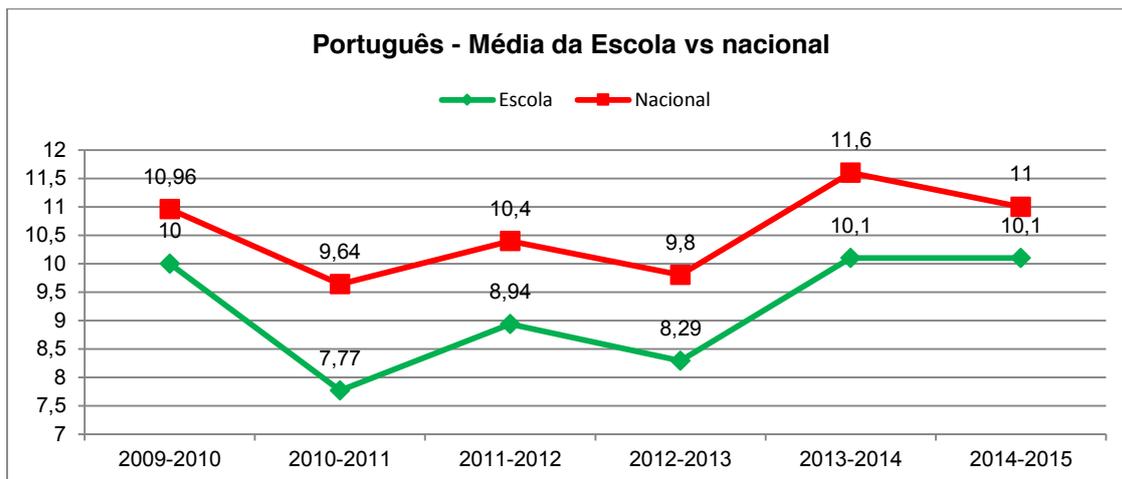


Gráfico 19. Secundário, comparação das médias da Escola com as nacionais na disciplina de Matemática.

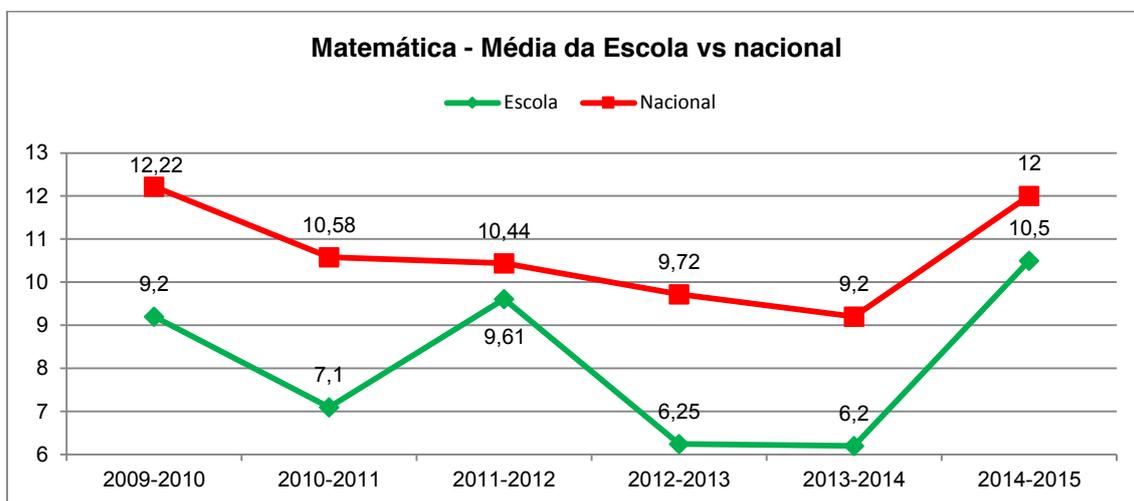


Gráfico 20. Secundário, comparação das médias da Escola com as nacionais na disciplina de História A.

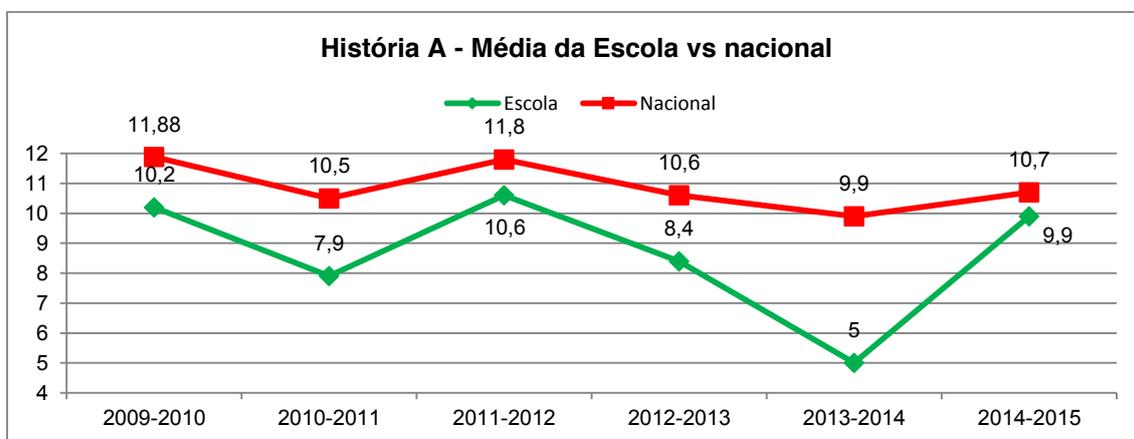


Gráfico 21. Secundário, comparação das médias da Escola com as nacionais na disciplina de Biologia e Geologia.

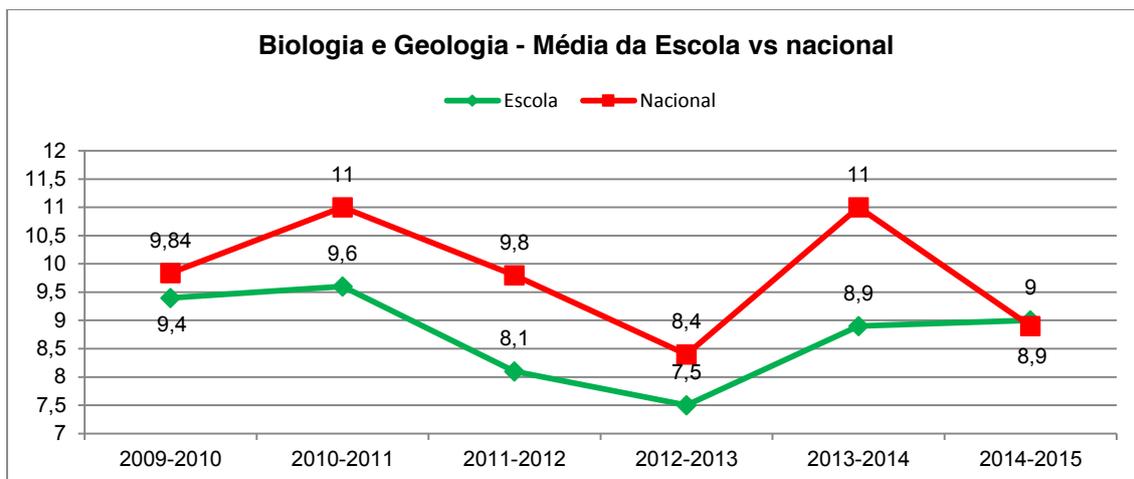


Gráfico 22. Secundário, comparação das médias da Escola com as nacionais na disciplina de Geografia A.

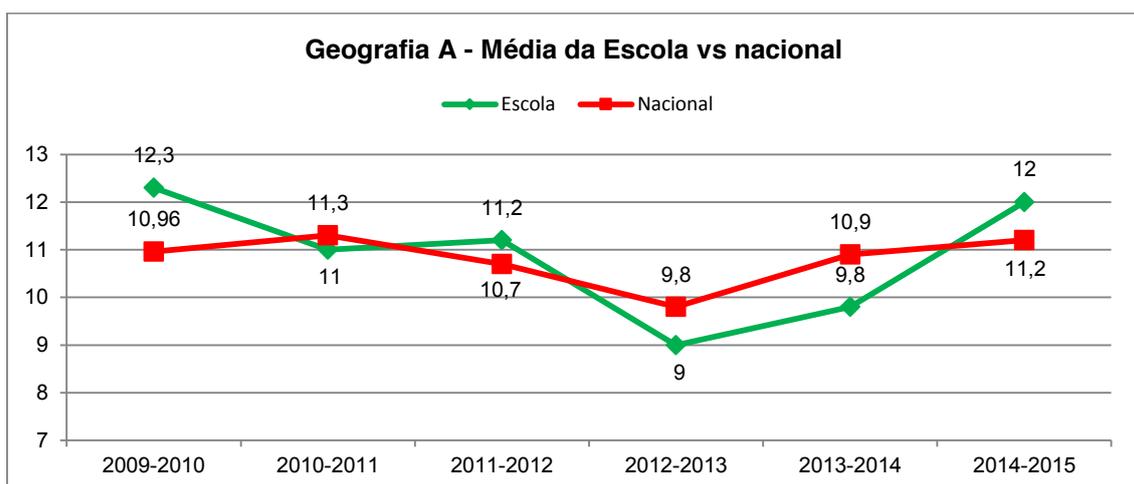


Gráfico 23. Secundário, comparação das médias da Escola com as nacionais na disciplina de Filosofia.

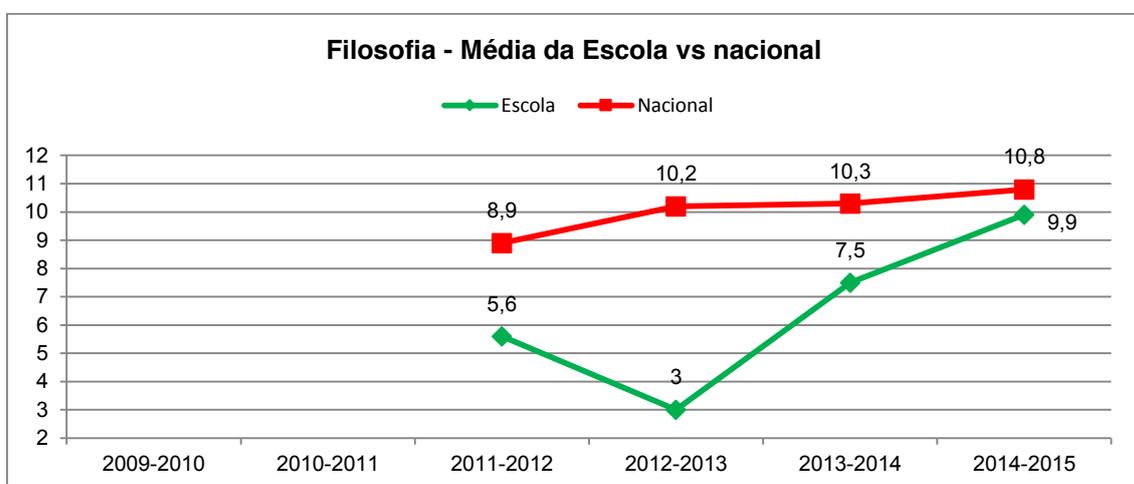


Gráfico 24. Secundário, comparação das médias da Escola com as nacionais na disciplina de Física e Química A.

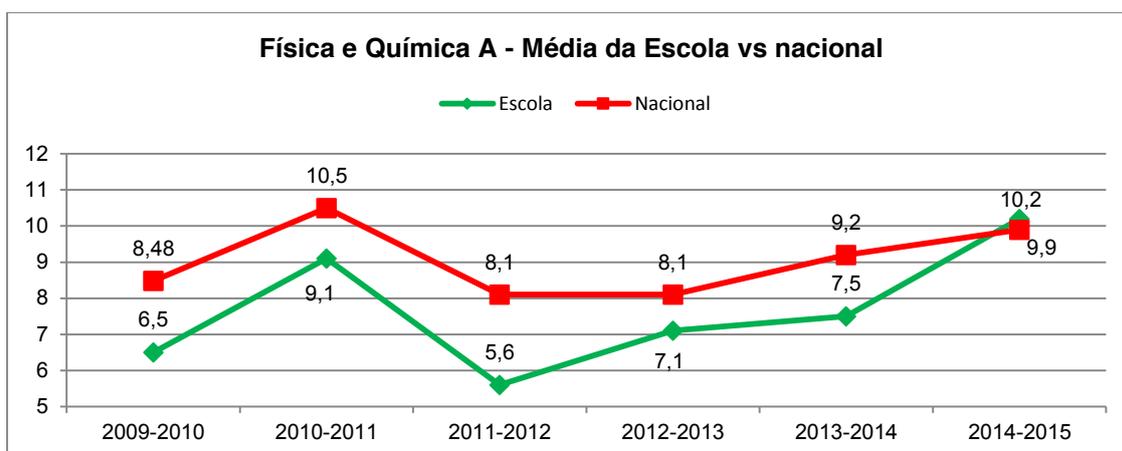


Gráfico 25. Secundário, comparação das médias da Escola com as nacionais na disciplina de Espanhol.

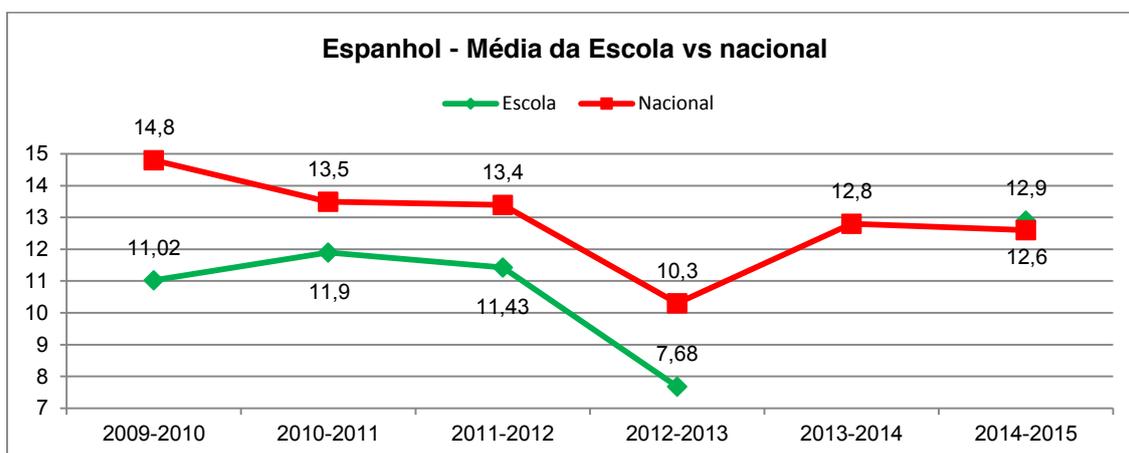


Gráfico 26. Secundário, comparação das médias da Escola com as nacionais na disciplina de Francês.

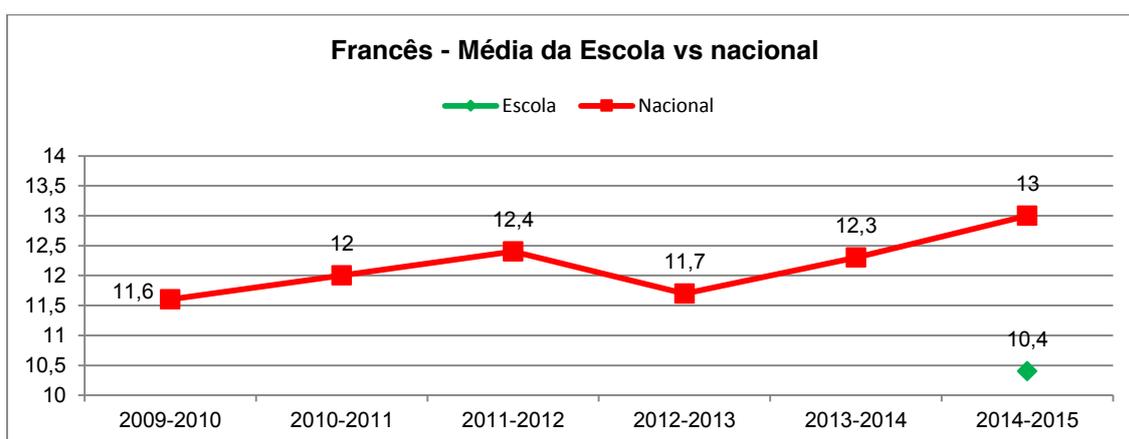


Tabela 7. Secundário, diferença entre a CIF e a CE nos últimos 6 anos.

Disciplinas	2009-2010		2010-2011		2011-2012		2012-2013		2013-2014		2014-2015	
	CIF	CE	CIF	CE	CIF	CE	CIF	CE	CIF	CE	CIF	CE
Português	13,16	10,00	13,75	7,77	13,9	8,94	13,19	8,29	13,2	10,1	13,5	10,1
	+ 3,16		+ 5,98		+ 4,96		+ 4,9		+ 3,1		+ 3,4	
Matemática	12,63	9,2	12,30	7,10	13,20	9,61	11,88	6,25	12,7	6,2	13,5	10,5
	+ 3,43		+ 5,2		+ 3,59		+ 5,63		+ 6,5		+ 3	
História	13,88	10,2	13,50	7,9	12,3	10,6	12,78	8,4	11,2	5,0	12,8	9,9
	+ 3,68		+ 5,6		+ 1,7		+ 4,38		+ 6,2		+ 2,9	
Bio. e Geo.	13,95	9,4	13,30	9,6	12,70	8,1	13,83	7,5	12,8	8,9	13,2	9,0
	+ 4,5		+ 3,7		+ 4,6		+ 6,33		+ 3,9		+ 4,2	
Geografia	13,0	12,3	14,72	11,0	12,50	11,2	12,29	9,0	12,7	9,8	12,8	12,0
	+ 0,7		+ 3,72		+ 1,3		+ 3,29		+ 2,8		+ 0,8	
Filosofia	14,74	-	14,33	-	15,0	5,6	15,05	3,0	13,2	7,5	13,8	9,9
	-		-		+ 9,4		+ 12,05		+ 5,7		+ 3,9	
Fís. e Quí.	13,36	6,5	13,86	9,1	13,00	5,6	12,94	7,1	13,3	7,5	14,7	10,2
	+ 6,86		+ 4,76		+ 7,4		+ 5,84		+ 5,8		+ 4,5	
Espanhol	16,23	11,02	14,2	11,9	13,35	11,43	14,4	7,68	-	-	15,1	12,9
	+ 5,21		+ 2,3		+ 1,92		+ 6,72		-		+ 2,2	
Francês	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,0	10,4
	-		-		-		-		-		+ 2,6	

5. Melhorar os processos: a atenção aos professores

A ESC apresenta resultados que a todos satisfazem e isso deve ser convenientemente celebrado. Entretanto, o compromisso da escola é realmente com a melhoria progressiva dos processos, pois sabe que essa é a única maneira de vir a melhor sustentadamente os resultados (globalmente considerados). Uma dinâmica escolar que deve dar especial atenção aos alunos que apresentam mais baixo rendimento escolar e mais “indisciplina”, não os “encurralando” em soluções curricularmente pobres e requentadas, mas abrindo-lhes outros horizontes de desenvolvimento, com propostas socioeducativas pedagogicamente ricas.

Nesta melhoria dos processos ocupa particular destaque a *atenção aos professores*, para que estes possam melhor refletir sobre as suas práticas e melhorar o seu desempenho profissional, acrescentando mais valor aos seus alunos, em conhecimento e desenvolvimento humano.

Fizemos um pequeno inquérito aos docentes da ESC, em junho de 2015, sobre “quais são os meus pontos fortes e fracos respeitantes ao meu “ofício de professor/a, na minha escola”. Os resultados são estes (agruparam-se as primeiras e segundas características salientadas como fortes e como fracas, de modo a estabelecer esta listagem):

Pontos fortes:

Planificação e preparação de aulas, preparação cuidada de cada aula

Domínio da área disciplinar (compromisso com o rigor científico)

Utilização de estratégias de ensino diversificadas

Boa relação com os alunos

Dar reforços positivos aos alunos em sala de aula, valorizar as suas competências

Recorrer a exemplos do dia a dia para explicar e cativar

Espírito de equipa

Monitorização permanente dos resultados

Facilidade de comunicação

Responsabilidade

Abertura à mudança

Uso das TIC

Perseverança e determinação

Pontos fracos:

Coordenação e gestão do processo de ensino e aprendizagem com alunos tão diferentes (tempos, indisciplina, métodos, projetos, técnicas, ...)

Ser capaz de definir e gerir os temas e os conteúdos mais adequados

A programação das atividades de ensino e aprendizagem

O processo de avaliação (dominar, conhecer, praticar avaliação formativa)

Escolher os melhores métodos a usar no meu ensino, gerir conflitos,

A comunicação com os alunos, assertividade, “derrota diante do desinteresse”

Escassa formação contínua

Com base nestes elementos iremos trabalhar em 2015/16, focando o maior investimento escolar no apoio aos docentes para que se sintam a realizar algo focado, claramente útil, sustentado e que lhes dê ânimo profissional. Como referiu o perito externo na sua carta de julho:

“No inquérito que preencheram este ano, evidenciaram as vossas principais dificuldades e seria bom trabalharem sobre elas e verificarem como as vamos superar pouco a pouco: trabalhar em grupos diferenciados na sala de aula e entre turmas do mesmo ano; criar ambientes assertivos de ensino e de aprendizagem (como fazer, que procedimentos usar, que ambientes proporcionar?); ensinar por projetos integradores e interdisciplinares, como os fazer, gerir, avaliar, ...; como ensinar alunos que não querem aprender e que geram conflitos permanentes?; como realizar um processo de avaliação que seja formativo e não classificativo; como melhorar a auto-avaliação institucional da escola (ao serviço do que for definido como essencial).

*Seria interessante criar em cada área destas, de necessidades e de possibilidades de ação, um projeto-piloto, agregando os mais entusiasmados com essas possibilidades, tipo equipa de tração, que puxa para diante. Com os resultados, bem avaliados, logo se daria mais um passo em frente, por vós mesmos determinado. Assim, seria possível, de modo sustentado no tempo, ir construindo uma comunidade de aprendizagem, pese embora todo o problema da mudança anual de docentes, que sempre dificulta as ações a empreender. O importante é estabelecer, com os que já estão disponíveis, um **compromisso** com a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem dos alunos da escola e, ao mesmo tempo, investir e confiar num trabalho contínuo e em equipa.”*

Para já decidimos, em primeiro lugar, *preparar melhor os alunos à entrada*, todos, para que possam obter mais sucesso nas aprendizagens e no seu modo de estar na escola.

Assim, foi deliberado iniciar o ano letivo com uma formação específica dos professores para poderem apoiar os seus alunos em: (i) saber estudar e realizar pesquisas pertinentes e eficazes, (ii) como construir e usar portefólios eletrónicos, pois se considerou que esta inovação vai de encontro aos seus interesses e pode constituir uma forma de incentivo a completar um portefólio de competências, suscetíveis de serem apreciadas na sociedade e nos mercados de trabalho. Estas ações foram realizadas já no arranque do ano letivo

2015/16 e teremos certamente muitas ocasiões para e elas regressarmos ao longo do ano.

Em segundo lugar, decidimos investir na formação dos professores para que possam lecionar de modo mais eficaz os cursos profissionais. Apesar de haver grandes diferenças pedagógicas e didáticas entre os cursos CH e os cursos profissionais, a preparação dos professores, que são de perfil e tradição docentes dos cursos gerais e de continuação de estudos, tem sido escassa. Estes sentem-se “duplicados”, tendo de lecionar em dois tipos de ensino, em cada dia e semana. Foi realizada em julho uma primeira formação específica em torno do ensino modular e outras se poderão seguir no novo ano letivo 2015/16.

Já no arranque do ano letivo de 2015/16 terá lugar uma formação em “projetos integradores”, tendo em vista ajudar os docentes dos cursos profissionais a integrarem melhor os saberes em torno de projetos mobilizadores dos alunos, concretos, em que eles mesmos participem e que envolvam equipas docentes.

Outras áreas em que se pensou intervir ficam para outras oportunidades (ex. preparar os docentes para a realização de bons diagnósticos de perfis de inteligências, tendo em vista uma mais cuidada orientação escolar, trabalhar os e-portefólios).

Concluem os professores da ESC no seu depoimento:

“Pensamos, desta forma, estarmos agora mais próximos das linhas orientadoras do sucesso, numa caminhada conjunta, partilhada, várias vezes refletida, ajustada e redefinida. Estamos também cientes que o início de cada ano letivo corresponde ao início de mais uma jornada, de mais uma luta e, sem dúvida alguma, de um novo desafio. Por isso, importa que os processos se consolidem e se adaptem, sem nenhum tipo de acomodação ou de falta de ambição e zelo.”

Da parte do perito externo ficaram algumas sugestões no final da já referida carta enviada a todos os docentes:

“O importante é mesmo refletirmos em conjunto sobre o que se está a fazer e sobre o que funciona bem e o que não funciona, determinando bem os porquês; só assim podemos melhorar pouco a pouco o que fazemos. Parece pouco, à primeira vista, não dá páginas de atividades brilhantes e tonitruantes, mas isto é que é necessário e difícil fazer. A escola geralmente não tem tempo para isso, para o que é determinante para a possibilidade de melhorar os processos e depois os resultados, de modo sério e sustentado. Criaí tempos para pensar rigorosamente sobre o que fazeis! E cuidai desses tempos como se de ouro se tratasse. Encontros muito bem preparados previamente, muito bem conduzidos e muito

bem avaliados. De que nos adianta amestrar um aluno papagaio que vai repetir umas coisas em duas horas de exame e que depois as esquece nas duas semanas seguintes, se estamos a formar um mau profissional e uma pessoa desorientada, sem valores, sem princípios, que não sabe como escrever um relatório, que não sabe ouvir o outro e os seus argumentos, antes de formular os seus, que não sabe aprender, nem resolver positivamente os seus problemas, que não re-conhece a comunidade em que se insere, com um olhar crítico e positivo? (...)

De facto, o mundo mudou muito e a educação escolar está a revelar muitas dificuldades em se preparar para preparar convenientemente as crianças e os jovens. O ensino se continuar a perder a sua vocação humanista intrínseca e se deixar enredar em funcionalismos económicos sem qualquer futuro, ficará cada vez mais comprometido. Se as políticas educativas globais não ajudam a seguir e aprofundar esta vocação, a ESC deseja não sair desse trilho, pois sabe que é o único que pode ajudar estes jovens a construir futuro, um futuro com projetos de vida onde cada um caiba e se sinta lutador.

O contexto não favorece voos socioculturais espetaculares, é verdade, mas esse é o modelo que o meio urbano, infetado pelos medias mais estridentes e pelo consumo mais desenfreado, vende aos nossos jovens, e isso não é o que eles mais precisam. Mas o vosso contexto “desértico” pode ajudar a criar jovens críticos espetaculares, jovens motivados a aprender sempre, gente com iniciativa e com garra para empreende em conjunto novos e pequenos empreendimentos, rapazes e raparigas autónomos e com os olhos postos no futuro. Certamente nada de espetacular, apenas lavradores que abrem regos e semeiam ou plantam.”

Como o perito externo também referiu numa resposta dada aos alunos do jornal da ESC, em março de 2015:

“As escolas passam e vão continuar a passar por muitas dificuldades. A razão é simples: o mundo está a mudar a uma grande velocidade e o acesso e uso do conhecimento também. Máquinas poderosas vão incorporar cada vez mais o conhecimento humano codificado, aquele de que a escola mais cuida. E estas máquinas, os robôs, vão substituir o ser humano no trabalho, fazendo aumentar o desemprego estrutural. Isto não é um mal, mas vai exigir muita capacidade de evolução das nossas sociedades, para que permaneçam humanas e justas. Muita criatividade e sentido de justiça e liberdade vão ser necessários.

As pessoas, a começar pelos jovens, precisam de procurar e encontrar, nas novas sociedades, sentido para as suas vidas: nem que seja o de dizerem que as suas vidas assim não têm sentido e o de cooperarem para criarem um mundo mais humano. Não há fatalidades históricas, há apenas responsabilidades históricas. Estas estão nas nossas mãos.

Precisamos de criar em Cinfães uma escola que interesse a cada aluna e a cada aluno, que lhes diga algo de positivo, ainda que muito exigente, que lhes abra o futuro e a esperança, ainda que com muito trabalho. Não temos de aprender todos o mesmo, mas temos todos de poder aprender, conforme os nossos perfis de inteligência e de “capabilidades”, em função das nossas expectativas e projetos, em função de muito trabalho.

De outro modo, como é que podemos ser obrigados a frequentar uma escola que não nos abre este futuro e esta esperança?

Os professores e outros profissionais estão disponíveis para vos ensinar e para vos acompanhar, procurando dar um coração novo à escola.

Em Cinfães, no vosso Agrupamento Escolar, todos os dias jorra vida e graça em abundância, há olhos flamejantes de crianças criativas e de jovens inquietos e esse é o melhor ingrediente para fazermos uma escola melhor com todos e com cada um.”